

O SERVIÇO DA TEOLOGIA

suplemento
Fevereiro, 1970

16

Até que ponto podemos presumir que aquilo que chamamos **teologia** diz respeito às funções essenciais da Igreja? É verdade que a teologia é um produto do período quando a Igreja entrou em contacto com o mundo greco-romano, e teve de proteger a fé e a mensagem dos apóstolos contra má compreensão e de usar os padrões do mundo circunjacente, de tal modo que a substância da mensagem permanecesse intacta, ou, ao menos, o elemento criador e manifesto do pensamento cristão? Em outras palavras: é a teologia uma expressão posterior, mais ou menos formal, da situação histórica da Igreja, ou é ela, de um modo ou de outro, uma expressão pura, orgânica e genuína, da própria fé bíblica?

Espero que compreendais a questão. Não é fácil respondê-la de um modo simples e claro. Por um lado, a fé, conforme entendemos, por meio do testemunho profético e apostólico, vive pela Palavra de Deus e pelo prodigioso trabalho do Espírito Santo. Se Deus fala, o homem responde à sua voz. Se Deus oferece sua graça a um pecador e este pecador aceita a divina oferta de perdão e reconciliação, em obediência e dedicação pessoal, ele tem fé, ele crê, sem nenhuma necessidade de interpretação teológica e do auxílio da teologia. Há crentes fiéis em Deus e na sua revelação pessoal, Jesus de Nazaré, há homens não educados, claros no seu testemunho, que não têm nenhuma instrução teológica e nem sabem da existência da teologia. Mas a questão não é tão simples assim.

IGREJA E TEOLOGIA

A Igreja tem vivido desde o seu comêço, desde o seu nascimento, por meio da teologia. Se lerdos cuidadosamente o Velho Testamento e o Nôvo, inevitavelmente encontrareis os primeiros elementos da teologia. A própria Bíblia mostra longo esforço teológico para se fazer uma seleção de livros que finalmente seriam canonizados e proclamados como testemunho da revelação divina. Nem todos os documentos literários do povo hebreu, contendo assuntos religiosos, foram automaticamente incorporados no cânon. Havia certas normas e medidas que serviram de instrumentos no processo de seleção, coordenação e final canonização, tanto do Velho Testamento como do Nôvo. Foi um processo teológico. Muito frequentemente nós nos esquecemos deste monumental trabalho da teologia. De certo modo podemos dizer que um pensamento teológico é uma ação teológica precederam à vida e atividades normais da comunidade dos crentes. Ou, em outras palavras, por trás de nosso uso da Bíblia, para leitura e adoração pessoais, agia a teologia na verdadeira significação da palavra. Eu sei que o assunto é muito complexo. Podemos igualmente dizer que o corpo vivo do povo de Deus tinha dado impulso à forma escrita da palavra falada e à gradual coleção desses documentos literários. E apesar disso, a compilação do que chamamos a Bíblia Sagrada deve-se à teologia que lançou os fundamentos do testemunho, do culto e da Igreja, na Reforma.

BÍBLIA E TEOLOGIA

Além disso, quando examinamos a Bíblia, percebemos na sua mensagem escrita os elementos do pensamento teológico que acompanha inseparavelmente a própria Palavra de Deus. Podeis tomar qualquer livro da Bíblia, do Nôvo Testamento ou do Velho, e depois de leitura e pesquisa cuidadosas, descobrireis nêle uma constante interpretação teológica da genuína Palavra de Deus. Cada autor bíblico foi um intérprete da Palavra original, das ações e obras de Deus.

A teologia vive dentro da Bíblia. Os Evangelhos Sinópticos têm uma perspectiva teológica bem definida, uma interpretação da pessoa e das palavras de Jesus de Nazaré. O mesmo deve ser dito da literatura Joanina e das cartas de São Paulo. Exemplo impressionante do mesmo fato é a Carta aos Hebreus. As distinções e diferenças que há entre as várias perspectivas teológicas dos livros da Bíblia podem ser erradamente super-enfatizadas e assim podem levar a falsas conclusões, como se os escritores sinópticos e S. Paulo diferissem na verdadeira substância de sua mensagem. De fato, a realidade básica e definitiva de que eles tratam é a mesma, absolutamente a mesma; eles diferem apenas no método de interpretação. Quando nós dizemos que o ato de ouvir a Palavra de Deus deve ser acompanhado de compreensão e interpretação, não afirmamos que a compreensão e a interpretação vêm depois do ato de ouvir o testemunho bíblico, separadamente e sucessivamente. Nós nos deparamos com a interpretação da Palavra divina dentro do próprio testemunho bíblico. O que tenho em mente no momento presente é a importância primordial da teologia na compreensão da Bíblia e na existência da Igreja, baseada na Palavra de Deus. A Palavra de Deus é clara, definida, pessoal, prática, desafiadora. Nela tudo é livre de obscuridade, de confusão, de emoções doentias, de quimeras fora da razão, de mitos fantásticos, de superstição, ebriedade e magia. Daí se vê que a função fundamental da teologia dentro duma igreja é encontrada no testemunho bíblico. Daí a imensa importância da teologia na família reformada, cuja missão especial tem sido proteger o esplendor, a integridade e a responsabilidade pessoal da herança bíblica contra tudo aquilo que foi infiltrado pela confusão, pelas emoções doentias, pela superstição, pela magia sacramental e litúrgica. Para evitar qualquer mal-entendido, desejo enfatizar o ponto de que o próprio fato da existência da Palavra de Deus e a reação de fé em relação a ela vão além de quaisquer padrões humanos e não podem ser reduzidos a um nível racional, moral e prático da vida humana. Há uma aura de mistério e uma inexplicável maravilha que cercam a Palavra Divina e a nossa reação de fé em relação a ela. A realidade do Espírito Santo, abrindo os ouvidos e os corações para ouvirem, entenderem, entregarem-se e agirem, em atitude de obediência, mostra o que eu tenho em mente: quando Deus fala, acontece uma coisa que transcende toda compreensão e capacidade humanas. Contudo, a vida é baseada na mensagem bíblica, é sempre selada por clarividência, responsabilidade, largueza de mente e plena compreensão do que está se passando dentro do coração do crente e fora dele, no mundo.

TEOLOGIA É DIÁLOGO

Temos ouvido dizer que a teologia é um diálogo. É, sim, no verdadeiro sentido da palavra. Deve ser um diálogo, porque a fé é um diálogo entre Deus e o homem. Um teólogo não pode viver sozinho, não pode fazer seu trabalho em sua mesa acadêmica, cercado de comentários, dicionários, confissões de fé e fórmulas dogmáticas. Naturalmente ele não deve desconhecer uma verdadeira disciplina de pesquisas exatas e de investigações e estudo precisos, nem deve fugir dessa disciplina. Ele toma sobre si mesmo a carga de toda a Igreja, desempenha missão vicária pela comunidade dos crentes. Como vimos, a clarividência e a responsabilidade pessoal da Palavra Divina nos fazem responsáveis pela clarividência e precisão racional do nosso conhecimento do que se refere ao passado e ao presente. Um verdadeiro teólogo, digno do seu nome, é livre de covardia intelectual e de medo; está pronto a enfrentar corajosamente qualquer problema difícil de pesquisa literária, histórica ou dogmática. Está sempre pronto a deixar qualquer preconceito de tradição e qualquer hábito convencional, a fim de chegar mais perto do que é verdadeiro e real. Dêste modo, ele tem a responsabilidade de arranjar um método crítico de pesquisas e de quaisquer acessos novos à história e à situação presente, da Igreja e da raça humana. Um teólogo deve tomar sobre si o encargo da revisão da nossa expressão e dos nossos conhecimentos tradicionais. Um teólogo deve ter a coragem de ir ao

extremo do que tem sido aceito como expressão normal de fé, do que tem sido reconhecido como manifestação legítima do Corpo de Cristo.

E mesmo assim, continuamos a afirmar que a teologia é um diálogo. Possivelmente este é o único modo pelo qual um teólogo pode realizar sua grande missão. Ele está profundamente enraizado na herança da sua própria comunidade. Realmente, ele deve estar enraizado na comunidade da fé e na continuidade dos crentes (*successio fidei*). Um teólogo não é um espectador isolado do que chamamos religião e da variedade de escolas e sistemas confessionais. Um teólogo não é um observador das variedades das experiências religiosas. Ele deve ser atingido pessoalmente e deve compreender sua própria participação no processo da divina ação do Reino de Deus. Um teólogo sem dedicação pessoal, sem uma profunda convicção e uma decisão definida em relação à verdade absoluta não pode efetuar uma real descoberta no campo das pesquisas e dos estudos teológicos. Entretanto, sua dedicação pessoal e sua decisão não fazem dele um "beatissimus" para sempre. Ser teólogo significa ter contínuo controle sobre si mesmo, analisar-se e examinar-se sem cessar. Pela própria natureza do seu chamado, ele tem que entrar num diálogo, primeiro com o Senhor que lhe fala e requer resposta. Na verdade todos os crentes são envolvidos em tal diálogo, mas o teólogo tem de reexaminar e revisar os resultados do seu pensamento teológico, dos seus esforços de compreensão e interpretação. O Deus da mensagem bíblica é um Deus vivo; sua Palavra é uma ação continuamente nova; é relacionada com uma situação humana específica, pessoal ou histórica; deve ser ouvida repetidamente como um acontecimento novo que revela, cada dia e cada hora, a situação humana em face duma nova luz. Teologia é um constante escutar, um contínuo responder: o teólogo está envolvido neste diálogo em seu próprio favor e em favor da Igreja toda, também. É um diálogo difícil, muitas vezes penoso, no qual toda a existência humana está em jogo.

Entretanto não é bastante falar num diálogo; a teologia é simultaneamente um trilogia. Que significa isso? Um teólogo tem de se pôr em face da Palavra viva do testemunho bíblico, mas ele tem de pôr-se também em face da maneira pela qual a Igreja, desde os dias de Israel e dos apóstolos, tem respondido ao chamado divino e tem traduzido a verdade divina na sua vida coletiva, nos seus serviços religiosos, nas suas ordens e na sua luta no mundo. Qualquer dogma ou qualquer confissão de fé não passa de um esforço para interpretar corretamente a mensagem profética e apostólica e para protestar contra a falsa compreensão e contra a corrupção. A Igreja é um corpo vivo, a não ser que ela tenha se tornado uma instituição estéril e petrificada que impeça o mundo de ouvir a verdadeira Palavra viva do alto e que o impeça de receber o desafio da verdade dessa Palavra e da sua graça libertadora.

A teologia tem a grande função de pôr a Igreja, sem dogmas, confissões, culto e disciplina, em face da Palavra viva, por um lado e, por outro lado, em face de um modo de ação que é representado por teólogos de um determinado período. É uma discussão em três partes: um teólogo tem de dirigir-se pela mensagem apostólica e profética e, simultaneamente, tem de examinar a tradição dogmática, litúrgica e de organização, da sua própria igreja ou da Igreja em geral. É uma tarefa difícil, que requer integridade pessoal, verdade, obediência e lealdade e, ao mesmo tempo, requer verdadeira coragem e fé soberana. Pode acontecer que um teólogo individualmente tenha o direito de lançar um desafio à igreja toda e de chamá-la a um exame de si mesma, a uma nova reforma, ao arrependimento e a um novo começo. Ele só tem esse direito sob uma condição: que ele seja incondicionalmente leal à verdade divina do testemunho profético e que conscienciosamente tenha feito tudo para entender, da maneira mais profunda e mais construtiva, a doutrina e a tradição viva da Igreja. Esta é a missão fascinante da teologia, cheia de esforços, de contínuas pesquisas da Bíblia, da Igreja, do pensamento contemporâneo e dos homens, nas suas mais profundas necessidades e no seu destino. A Palavra de Deus fala uma linguagem viva, livre de formas de expressão tradicionais e convencionais;

a Igreja no seu todo e nas suas particulares denominações históricas faz um renovado esforço para interpretar corretamente a voz das testemunhas bíblicas; e um teólogo, ou um grupo de teólogos envolvem-se nesta interpretação, devotam suas vidas ao redescobrimento da mensagem dos profetas e dos apóstolos e assim contribuem para desenvolver o conhecimento (gnosis) e para renovar a vida da Igreja. A teologia faz todos os esforços possíveis para compreender os marcos erigidos pela Igreja através dos dogmas, das confissões de fé e das disciplinas. Um teólogo sabe muito bem que aquilo que chamamos "dogma" foi proclamado não para ser venerado como infalível revelação divina, mas para servir de proteção contra os perigos de aberrações e divergências inúteis e para apontar a direção que pode guiar a Igreja ao seu destino final. Um teólogo tem, contudo, o direito, aliás, o dever de examinar se os marcos foram postos nos lugares certos ou não. Ele precisa escutar a todas as vozes dos chamados sectários ou hereges. Precisa olhar para a outra margem do curso prescrito da igreja; deve ter coragem de andar no limite entre os que chamamos "ortodoxia" e "heresia". Seu motivo principal deve ser uma devoção obediente à verdade fundamental; seu andar pela linha divisória entre a "ortodoxia" e a "heresia" nada tem a ver com uma aventura extravagante, com um subjetivismo irresponsável, nem com um sentimento de ceticismo relativista. Sua coragem é uma coragem de fé e de amor vicário à comunidade dos crentes, pelos quais ele é responsável.

FUNÇÕES DE UMA TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Apenas muito brevemente quero tocar em duas funções contemporâneas da teologia. (Elas não são, absolutamente, novas, mas no momento presente assumem relevância e urgência sem par).

a) De todos os lados vêm exigências para interpretarmos a mensagem bíblica e a doutrina da Igreja de um modo novo, de tal forma que o homem de hoje possa entender aquilo de que estamos falando. Estamos vivendo numa época de contínua descristianização: as massas que não têm sido atingidas pela mensagem cristã estão aumentando e são cada vez menos capazes de entender a própria linguagem de nossa pregação e evangelização tradicionais. São até mesmo menos capazes de dar ouvidos ao que temos para dizer. Além disso, a atmosfera de ciência, de descobertas emocionantes, de invenções técnicas, está penetrando nos lugares mais distantes da terra e gradualmente está transformando o modo de pensar, o acesso à história, à sociedade e ao universo. A situação está ficando muito séria. É um desafio tremendo procurar novos meios de expressão, nova linguagem, uma palavra viva, para manter conversação inteligível e inteligente com um homem de hoje em dia. Um teólogo tem de estudar o povo, os indivíduos e os grupos; tem de estudar a literatura atual, poesias, romances e a linguagem das ruas. Eis uma das mais difíceis tarefas da teologia: entender, com aproximada exatidão, os velhos padrões da Bíblia, relacioná-los com a vida presente e interpretá-los de modo compreensível, sem mudar a significação original e a verdade da mensagem profética e apostólica.

b) Estamos vivendo num período da história que realmente não tem precedentes, num período de profundas transformações internacionais, políticas, sociais e culturais. O velho código de valores e normas está sofrendo imensa transformação. A própria estrutura da civilização cristã acha-se em desintegração. Nações cristãs estão sendo descristianizadas e um novo mundo de povos não cristãos está se levantando e reivindicando seu lugar próprio e merecido na cooperação e construção de uma nova ordem para a humanidade. Como entender este processo dos nossos tempos, o qual nos confunde e do qual não podemos escapar? Um verdadeiro teólogo vive bem consciente de que a Igreja e a teologia só podem enfrentar a situação, só podem agir livremente e prazenteiramente, sob uma condição: não fechar os olhos, não ignorar aquilo de que não gostam e prosseguir, não em nome de instituições estereis, mas em nome do seu Senhor crucificado e ressurreto. O evangelho liberta qualquer pessoa que o leve a sério, até a um teólogo ele liberta da influência da história e descobre, por baixo dos perigos do presente, a glória do tempo atual. Estamos vivendo num tempo do julgamento, mas também num tempo de uma gloriosa promessa.